

FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA APRESENTA

13 ANOS

CURTA CIRCUITO

MOSTRA DE CINEMA PERMANENTE

Edição Especial De Aniversário

SETEMBRO 2014

. Belo Horizonte . Montes Claros .
. Araçuaí .

LIVRETO CURTA CIRCUITO #05

Grupo Tecar

Para o Grupo Tecar, incentivar a cultura do cinema através do Curta Circuito é um enorme prazer por estar não apenas disseminando estas obras audiovisuais, mas também a cultura brasileira.

É muito bom ter nossa marca se posicionando no incentivo de projetos culturais como este, pois sabemos o quanto é importante estar ligado à formação de um público. Ficamos muito felizes com a parceria e acreditamos sempre que unir ações e projetos tão importantes como este para a população potencializa cada vez mais nossos conceitos.



Boulevard Shopping

Inaugurado em 2010, o Boulevard Shopping chegou a Belo Horizonte com objetivos bem definidos, entre eles, promover, apoiar e incentivar a cultura na capital mineira. E nestes quatro anos, o mall investiu e investe cada vez mais em ações voltadas para este setor. Por isso, o Boulevard percebeu a importância de apoiar projetos como o Curta Circuito. Uma mostra de cinema permanente que na sua essência é eclética, por apresentar tanto curtas, como médias e longas-metragens; e acessível, pois tem exposições gratuitas em BH e já atravessou fronteiras, chegando ao interior de Minas e a outros estados.

Outro ponto que merece destaque é que o Curta Circuito valoriza produções audiovisuais brasileiras e abre espaço para seus diretores e realizadores. Ao encontrar novos talentos e dar oportunidades para que mostrem seu trabalho, damos ao mercado novas possibilidades. Com este apoio, o Boulevard busca exatamente isso: oportunidades para novas produções, atingir o maior número de pessoas e, principalmente, ser acessível. É preciso incentivar, cada vez mais, ideias que tenham como meta fazer com que as diferentes ações culturais sejam democráticas e que deem a possibilidade para todos usufruírem.



Fórum Dos Festivais

O Fórum dos Festivais tem o prazer de congrega entre seus associados a diversidade de eventos de mostras e festivais audiovisuais que contemplam o cinema brasileiro no país e no exterior.

O CURTA CIRCUITO é um belo representante desta diversidade na ousadia e coragem de sua proposta permanente. Também prima pela valorização das iniciativas locais com parcerias nas cidades do circuito. E tem foco certo no diálogo com o público, colocando em cartaz obras de todos os tempos. É mais de uma década construindo esta marca, com credibilidade reconhecida pelo Fórum dos Festivais.

Toda mostra e festival têm por princípio criar oportunidade, incentivar e fomentar o diálogo da produção audiovisual com o público. A formação de público é fator decisivo para o permanente fortalecimento do cinema nacional e afirmação dos nossos diferenciais identitários expressos na arte e entretenimento. O CURTA CIRCUITO construiu uma ligação contínua com o seu crescente público, formando cada vez mais pessoas que querem assistir aos filmes brasileiros.

Com responsabilidade o CURTA CIRCUITO respeita as premissas contidas no código de ética dos festivais associados ao FÓRUM DOS FESTIVAIS, demonstrando a paixão de seus produtores para com o cinema no tratamento dedicado e respeitoso com o público, realizadores e filme. Vida longa àqueles que conquistam o seu espaço no coração do público e profissionais audiovisuais.

Marilha Naccari
Presidente do Fórum dos Festivais





13 anos

A iniciativa do Curta Circuito – Mostra de Cinema Permanente, passados 13 anos de sua criação, guarda algo de quixotesco, no mais encantatório sentido consagrado pelo irônico termo cervantiano. Não deixa de parecer esdrúxulo, embora devesse ser um paradigma, que um espaço de exibição e cultura cinematográfica e audiovisual se preocupe a esta altura com a qualidade e natureza das cópias, com os espaços de exibição, com a atração do público, com a diversidade de olhares curatoriais, com a reflexão crítica, com o debate público, com a preservação da filmografia brasileira e com a gentileza para com todos os envolvidos. E isto sem ser uma instituição rica, e voltada basicamente para si mesma, como marketing e como forma de poder, ou possuidora de uma infraestrutura própria, que raramente e generosamente compartilha com terceiros seus espaços com propostas positivas e criativas. Longe desse enquadramento, o Curta Circuito nem mesmo é, de fato, um espaço permanente, próprio, regular. É uma pequena rede de apaixonados por cinema que expressam seus interesses de forma profissional, engajada, afetuosa, através de uma rede física de espaços, sessões, momentos, que transitam de lugar para lugar, sem se fixar propriamente em nenhum deles. É uma ideia, antes de ser uma realidade já longeva e de resultados impressionantes para o contexto tão adverso a uma cultura cinematográfica livre de preconceitos que vivemos no século XXI. Uma ideia luminosa e necessária para a oferta (democratização) de um cinema do presente, do passado e do futuro. Que o circuito se expanda, multiplique, dê frutos! Parabéns!

Hernani Heffner

EDITORIAL

A Construção de uma Identidade

O Curta Circuito, quando surgiu, abriu espaço ao curta-metragem, principalmente o levando para uma sala de cinema. Depois aprofundou sua relação com o público, estimulando os debates a partir de uma visão cineclubista. Anos depois retoma sua proposta de origem, trilhando um caminho próprio de uma mostra permanente, onde além dessa característica já havia adotado o média-metragem e o longa-metragem, ainda que algum “desavisado” hoje ache que em sua programação só encontrará curtas.

Na construção dinâmica de sua identidade está em sua comunicação aqueles pequenos flyers e popcards. Cria-se depois um pequeno folder, que é ampliado e tem em suas informações dados dos filmes, fotos e um pequeno texto do porquê de exibi-los. O salto maior vem com a criação do livreto, já agora em seu segundo ano de existência. A formação de público pode contar assim com um aprofundamento crítico sobre os filmes brasileiros, as impressões, e a possibilidade de refletir e debater sobre obras nacionais de qualquer época, outra identidade tão marcante do projeto.

Todo este processo aqui lembrado se deve também ao motivo de lembrar e apresentar ao público que se renova constantemente e passa a conhecer esta mostra de cinema.

Conhecer o Curta Circuito implica em compreender que, sim, temos nossas particularidades, como uma mostra que não é sazonal, ou de dias corridos, mas sim de uma programação constante ao longo do ano e em pontos distintos do estado e país. É aproveitar a curadoria que seleciona filmes de qualquer ano, e uma publicação literária para complementar a relação de conhecer a cultura brasileira, esta que tem cadeira cativa e exclusiva em nossa programação.

O significado então de nossa identidade é esta, que a todo o momento analisamos e aprimoramos para dialogar cada vez mais com os artistas, os realizadores, nosso mercado e com vocês, o público brasileiro. O que dá sentido à nossa existência e nos leva a conquistar a maturidade são todas as experiências vividas e apostar acreditando em caminhos que revelem quem somos, nossas diferenças, mas também a integração com tudo que está à nossa volta.

Ao nos olharmos, vemos o que somos e o que queremos ser, tendo a convicção de que cada parte que nos compõe tem a contribuição de alguém, de um mineiro, de um brasileiro. Essa relação está amalgamada no amor à nossa cultura, ao nosso país. Por isso, nosso convite e nossas portas sempre abertas para a cultura brasileira, rica, diversa e que só nos faz crescer e seguir em frente.

Neste mês de setembro estejamos juntos, comemorando mais um ano de atividades, absorvendo a experiência do importante encontro sobre a criação da SP Cine, de São Paulo, algo a ser melhor entendido e até como referência de política para o setor audiovisual onde conjuntamente ao Fórum dos Festivais enriquecerá possíveis reflexões para políticas e iniciativas que tratem da distribuição e exibição da produção brasileira, além, é claro, das sessões de filmes clássicos, como “O Grande Momento”, de Roberto Santos, e “Amante Latino”, de Pedro Carlos Rovai – este último onde iremos “tirar” o ator principal das telas, trazendo um dos ícones de nossa história musical para o nosso bate-papo, ele, Sidney Magal.

Em 13 anos ininterruptos, evoluindo e aprimorando nossa identidade, significa dizer a cada ano:

Amamos o cinema nacional de qualquer duração, época ou estado de origem, mas sempre brasileiro.

Cláudio Constantino

PRO-GRAMAÇÃO

FIQUEM LIGADOS!

Curta Circuito abre período de inscrições.

Estão abertas as inscrições de filmes brasileiros para seleção e exibição. A inscrição de filmes para o Curta Circuito - Mostra de Cinema Permanente é gratuita e acontece de 01 de setembro a 01 de outubro de 2014.

Mais informações, regulamento e ficha de inscrição no site: www.curtacircuito.com.br

BELO HORIZONTE MG

15/09 – 19H CLÁSSICOS BR

[O Grande Momento]

Bate-papo com Marilha Naccari após a sessão.

Exibição em DCP. Primeira exibição

em Belo Horizonte da cópia restaurada.

29/09 – 19H CLÁSSICOS BR

[Amante Latino]

Bate-papo com Sidney Magal

com mediação de Guto Borges após a sessão.

Exibição em 35 mm. Cópia Cinemateca do MAM.

16/09 – 19H CONVERGÊNCIAS BR

[Debate sobre a SP CINE]

CONVIDADOS:

Alfredo Manevy – *Secretário-Adjunto da Secretaria*

Municipal de Cultura de São Paulo e Coordenador

Geral da SP Cine

Marilha Naccari – *Presidente do Fórum dos Festivais*

MONTES CLAROS MG

27/09 – 19H CLÁSSICOS BR

[Amante Latino]

Bate-papo após a exibição com coordenadores da Mostra

Cláudio Constantino e Daniela Fernandes.

Após o Bate-papo programação especial de aniversário.

ARAQUAÍ MG

26/09 – 19H CLÁSSICOS BR

[Amante Latino]

Bate-papo após a exibição com coordenadores da Mostra

Cláudio Constantino e Daniela Fernandes.

Após o Bate-papo Show de Calouros Brega.

CONVERGÊNCIAS BR

ENCONTRO:

SP Cine e Fórum dos Festivais

As parcerias são o melhor caminho para fortalecermos o setor audiovisual em todas as etapas do ciclo criativo e econômico. Sabendo disso, a equipe responsável pela implementação da SP Cine e o Fórum dos Festivais buscam encontrar juntos novos modelos de distribuição, difusão e reconhecimento do cinema nacional que combinem as diferentes expertises já alcançadas no circuito cultural. Este encontro é um espaço aberto para expor essas reflexões e continuar desenvolvendo juntos aos interessados novas ideias.

A SP Cine é a Empresa de Cinema e Audiovisual de São Paulo, criada com o objetivo de financiar ações e implementar políticas públicas voltadas ao desenvolvimento econômico, social, cultural, artístico, tecnológico e científico do setor.



Alfredo Manevy *Coordenador Geral da SP Cine*

Secretário-Adjunto da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, Doutor em Audiovisual pela Universidade de São Paulo e coordenador geral da SP Cine. Foi Secretário Executivo do Ministério da Cultura. É fundador da revista Sinopse USP e já colaborou como crítico no jornal Folha de S. Paulo e na revista Carta Capital.



Marilha Naccari – *Presidente do Fórum dos Festivais*

Marilha Naccari é coordenadora de programação do Florianópolis Audiovisual Mercosul, o mais importante festival de cinema de Santa Catarina, pioneiro em sua temática, com 18 edições realizadas consecutivamente, fazendo parte da equipe há 13 anos. É a atual presidente do Fórum dos Festivais – fórum dos produtores de eventos audiovisuais brasileiros, entidade com festivais associados no Brasil e exterior. É também membro do conselho do Fundo Municipal de Cinema de Florianópolis, e membro fundadora do Fórum Setorial Audiovisual Catarinense. Atua como produtora, professora e consultora, somada a experiência de curadoria para mostras itinerantes ou específicas em outros estados brasileiros, além de outros sete países.

Agradecimentos Especiais: Marilha Naccari, Renato Nery, Alfredo Manevy, Sandra Campos, Cleidisson Dornelas e toda equipe do Cine Theatro Brasil Vallourec.

Convidados:

Alfredo Manevy – Secretário-Adjunto da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo e Coordenador Geral da SP Cine

Marilha Naccari – Presidente do Fórum dos Festivais

CLÁSSICOS BR

O Grande Momento

Dois grandes momentos

por Luís Alberto Rocha Melo

Em uma primeira leitura, o título *O grande momento* remete ao casamento do herói, Zeca (Gianfrancesco Guarnieri), jovem pertencente à classe média baixa do bairro paulistano do Brás. A história se passa ao longo de um dia, durante o qual acompanhamos as atribuições dos preparativos e toda a festa posterior à cerimônia matrimonial. Em termos dramáticos, portanto, o casamento ocupa o centro não só das preocupações dos personagens principais (noivos e familiares) como também da própria narrativa, já que a sequência do casório na igreja divide exatamente a passagem da primeira para a segunda metade do filme.

Apesar disso, é bem possível que após a projeção o espectador nem se lembre dessa cena. Ela dura cerca de dois minutos, mas o ritual propriamente dito (a fala do padre, o “sim” da noiva, a aliança no dedo, etc.) sequer é encenado. O que fica dessa cerimônia é a sensação de uma grande elipse. Pode-se argumentar que a desnecessidade de mostrar o ritual justifica a supressão. Contudo, podemos ir além e perguntar se o tal “grande momento” a que se refere o título do filme de Roberto Santos se resume apenas ao casamento. Eu diria que não. E apontaria pelo menos dois outros “grandes momentos”, duas sequências que, pela natureza dramática e reflexiva das mesmas, destacam-se do conjunto e ocupam, pelo menos para mim, dois dos pontos mais altos da narrativa.

A primeira delas se passa antes do casamento e é por muitos considerada (não sem razão) a sequência “clássica” do filme em termos estéticos: trata-se da última volta de Zeca com sua bicicleta pelas ruas do bairro em que mora. Para quitar a dívida com o alfaiate que lhe fez o terno, Zeca vende seu meio de transporte a um amigo, Vitório (Paulo Goulart), dono de uma oficina. Antes de entregá-la, tem a chance de dar um passeio de despedida. Esse é o único momento em que vemos Zeca de fato feliz, conseguindo escapar por alguns minutos da pressão constante dos



problemas financeiros e dos tormentos de uma cerimônia de casamento que parece estar sempre por um fio. A volta de bicicleta é um respiro, uma pequena fuga, um derradeiro gesto de liberdade que prenuncia dias ainda mais duros para alguém que vai assumir a vida de casado e – provavelmente – de pai de família.

A câmera presa a um carro acompanha Zeca pedalando pelas ruas em *travellings* incomuns para o cinema brasileiro da época. Experimentamos, junto com o personagem, a sensação de liberdade. Os planos em movimento se sucedem, vibrantes, iluminados, inspiradores, plenos de uma poesia que a trilha musical de Alexandre Gnattali (sobre um belo tema de Zé Ketti) realça ainda mais. A sequência é relativamente longa, mas o plano final sugere fugacidade: as árvores que passam rapidamente por cima da câmera se fundem com o plano da próxima cena na qual Zeca finalmente paga o que deve ao alfaiate. Ao fim, tudo se evapora com o suor.

Em O grande momento, nada mais “moderno” que o “clássico” – e vice-versa. Haveria melhor maneira de tratar o drama de Zeca, esse personagem ao mesmo tempo tão “jovem” e já “velho”? Fina ironia de um filme extraordinário.





O segundo “grande momento” que destaque ocorre após o matrimônio na igreja (ou melhor, após a elipse central do filme) e envolve um número bem maior de personagens, com destaque para dois secundários: Gustavo (Turíbio Ruiz), fotógrafo contratado para tirar o “retrato oficial” dos noivos, e Toninho, seu assistente. Refiro-me à cena em que, após inúmeros contratempos, a fotografia será enfim tirada. Zeca e sua recém-esposa, Ângela (Myriam Pérsia), estão dispostos lado a lado, de braços dados; ela porta um buquê. Atrás dos dois, pendurada à parede, uma colcha compõe o “cenário” de fundo; ao lado de Zeca, a mesinha com um jarro de flores. Colocada em um tripé, a velha câmera está posicionada bem em frente ao casal. Por trás da câmera, outro tripé com dois painéis de luz. O quadro está montado: eis aí a *imagem tradicional do casamento*, aquela que cerimônia alguma poderia tão bem representar. O “momento” só se torna “grande” na posteridade imediatamente proporcionada pelo instantâneo fotográfico. É nesse gesto que o ritual enfim se completa e se eterniza.

Há uma curiosa complementaridade entre essas duas sequências aqui brevemente comentadas, isto é, a do passeio de bicicleta e a da fotografia de casamento. São dois lados de uma mesma moeda, positivo/negativo de uma mesma equação.

Os termos a princípio se opõem: na primeira sequência, tudo é movimento, fluxo contínuo de uma embriaguez veloz que tem seus minutos contados; na segunda, estamos no reinado da

rigidez estática, do falso sorriso da felicidade imposta pelo rito social. Na corrida de bicicleta, a câmera voa pelas ruas e joga com a subjetividade do olhar do personagem e do espectador; na cena da fotografia de casamento, o que importa é o plano fixo, a imagem única (a fotografia), o enquadramento frontal, a luz chapada, a necessária e incômoda imobilidade do casal e de toda a assistência ali presente. Na primeira sequência, tudo se passa como se a realidade transcorresse entre os planos, de tal forma que já nem percebemos cortes e enquadramentos: o passeio da bicicleta são nossos próprios olhos. Há uma gratuidade feliz em tudo isso, e nosso compromisso é apenas com o prazer. Já na segunda sequência, a ação nos lembra o tempo inteiro que para se fazer uma imagem é necessário um aparelho de fotografar, luz, tripés, um cenário minimamente convincente, uma locação, modelos (que não deixam de ser atores), tudo isso com um propósito muito definido: o de agradecer o cliente, que é quem, afinal de contas, paga por todo o serviço. O primeiro “grande momento” é, portanto, aquele da infância irresponsável e das horas livres; o segundo marca a entrada na vida adulta, cheia de contrariedades e concessões, na qual o trabalho e o dinheiro ditam regras e comportamentos.

Mais do que cravar em dois polos do mesmo arco esses diferentes momentos que marcam o *rito de passagem* de Zeca, as sequências da corrida de bicicleta e da fotografia de casamento também permitem refletir sobre o próprio

cinema brasileiro da época em que o filme foi produzido e lançado (1957-58). Permitem, por exemplo, pensar em como a dualidade entre o “cinema clássico” e o “cinema moderno”, tão cara àquele período, está longe de ser óbvia.

Pois em sua leveza extremamente “moderna”, a decupagem da corrida de bicicleta não faz mais do que afirmar o modelo “clássico” da transparência narrativa e da fluidez da montagem, o princípio da continuidade e da “janela do mundo” que se desvela ao espectador. Em contrapartida, a cena da fotografia de casamento é quase um documentário sobre a precariedade da produção independente que precisa se sujeitar ao estúdio e às regras do mercado. Há aqui um “adeus às

ilusões” e um grau de reflexividade típicos do projeto moderno de desconstrução da linguagem, de denúncia do artifício e da manipulação, de questionamento ao poder pretensamente revelatório da imagem. E também a mistura de gêneros: não por acaso, a “realidade” que cerca o trabalho do fotógrafo e que ele a todo custo tenta – mas não consegue – conter culmina em uma chanchadesca pancadaria no melhor estilo pastelão.

Em *O grande momento*, nada mais “moderno” que o “clássico” – e vice-versa. Haveria melhor maneira de tratar o drama de Zeca, esse personagem ao mesmo tempo tão “jovem” e já “velho”? Fina ironia de um filme extraordinário.

O GRANDE MOMENTO

Roberto Santos, SP, 1957, 80'

A estória de um jovem trabalhador que quer se casar, mas não tem meios suficientes para realizar o casamento com que ele e a noiva sonham.

Uma angustiada busca de dinheiro para pagar as últimas dívidas, contratar o fotógrafo da festa e retirar o terno da cerimônia, retido à última hora pelo próprio alfaiate, também necessitado de dinheiro, obriga o noivo desesperado a vender sua bicicleta (instrumento de trabalho de Zeca, o noivo), para dar fim aos problemas que se acumularam.

Mas eles não param aí. Os ânimos da festa, superaquecida pela bebida, ou pela falta dela, o desespero e o cansaço contidos resultam numa briga entre os convidados, quase de pastelão. E a viagem tão sonhada da lua de mel acaba por não acontecer, desistida, no último momento, por Ângela, a noiva, consciente da situação do agora marido.

Não há outra saída senão substituir o dinheiro pelo amor. E é por esse caminho que iniciam a nova vida.

14

NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 14 ANOS

Agradecimentos Especiais:

Marília Santos e família, Professor Luís Alberto Rocha Melo, Hernani Heffner, Marilha Naccari e Marília Franco.

CLÁSSICOS BR

Amante Latino

A fábula cigana de Sidney Magal

por Guto Borges

Dizem que, assim, aos olhos do Mundo, o que marca estes filhos do mês de junho é em geral uma natureza inconstante, ou ainda essa sua capacidade de assumir personas, enxergar com muita habilidade o lado de fora de si mesmo e adentrar assim vidas inventadas que, apesar de lhe serem alheias, o fazem com a paixão e a verdade dos verdadeiros amantes. Fernando Pessoa era um desses filhos de Mercúrio. Chico Buarque também. Sidney Magalhães, aquele que viria ser o cigano Magal, também o era. E mais, por ironia do destino, ele e Buarque nasceram no mesmo dia 19 de julho.

Dizem que o poeta francês André Breton preferiu que sua data de nascimento passasse a ser 18 de fevereiro (e não dia 19), para que assim pudesse, ao menos aos olhos das estrelas, ter companhias célebres, tais como Rimbaud, Nerval e até mesmo Charles Fourier em seu mapa astral. Queria estar ombro a ombro com eles. Mas, diferentemente do poeta francês, pra Magal o zodíaco funcionava ao contrário, e o dia 19 aqui não passava de uma coincidência que coloca em evidência a sua diferença, e, numa leitura maldosa que deriva de forma canhestra do que chamam de “linha evolutiva” da música popular brasileira, estes dois personagens assumiriam lugares bem distantes, arriscaria dizer, até mesmo opostos nessa História. O que significa dizer ainda que se em torno de Chico Buarque (e tudo o que ele representa) há certa unanimidade em afirmar que é um grande artista, um grande músico e um poeta que domina a língua culta e assume uma profusão de personagens líricos em suas canções, Magal não passaria de um fantoche popular, emulando com os quadris ali pelo final dos anos 1970 esse cigano caricato no programa do Chacrinha ao som dos berros de mulheres extasiadas. Sua música “não diz nada”, como declarou certa vez Caetano Veloso.



Afinal, como o povo amou aquele cigano de roupas extravagantes, calças justas, golas bufantes, suas canções e seu rebolado latino!

Falando em termos um pouco mais livres, não seria exagerado afirmar que em algumas dessas coincidências podemos enxergar pistas, sugestões menos óbvias. A história de Magal não guarda muitos mistérios: era um garoto paraense criado no Rio, alto, bonito, aparentado de Vinícius de Moraes, sabia cantar e dançar, já havia feito inclusive uma turnê, se apresentando em números folclóricos pela Europa e, de volta ao Rio no final dos anos 1970, se apresentava cantando em churrascarias e casas noturnas um repertório em italiano e espanhol enquanto sua mãe na plateia encrocava com quem duvidasse de sua virilidade. Sua facilidade em assumir papéis já o tinha feito incorporar trejeitos de um toureiro sevilhano em seu repertório coreográfico. O que chamou a atenção de empresários da Polydor que o convidaram para o casting da gravadora onde em uma reunião lhe foi entregue o papel viril do cigano latino de sangue quente e voz embargada, numa mistura exagerada de mundos imaginários e ares popularescos. Essa intenção fica clara quando se lê o relatório de Paulo Coelho, à época assessor de imprensa da gravadora: “nosso cast de samba não é tão bom (...) podemos, sem grandes pavores da concorrência, enfocar a formação de um *ídolo popular*”.

Seu disco de estreia em 1976 é um disco repleto de versões que variam de canções latinas, italianas e algumas composições originais de autores brasileiros. Entre elas, a mais famosa é a versão da canção francesa *Melancolie*, traduzida como *O meu sangue ferve por você*. A música, que alterna uma levada latina e um refrão forte, cantando

em coro o explícito “ah, eu te amo, meu amor”, parece ter deixado bem clara a missão de Magal uma vez que lhe rendeu participações em programas de TV, entrevistas e uma boa vendagem de discos. Magal chegou a ser contratado por Silvio Santos em 1978 e no ano seguinte apresentava um programa de tv pela Tupi. É interessante notar que o personagem que Magal estreava ali em 1976 parecia inaugurar ainda muito particularmente com o cantor romântico, traço esse que seria substituído por um linguajar mais disco nos próximos anos e sendo ainda que a incorporação da lambada seria responsável nos anos 1990 pelo seu retorno à mídia. Ou seja, se no final dos anos 1970 essa canção romântica dos chamados ídolos brega, tais como Odair José ou Evaldo Braga, era de fato a que tinha maior penetração popular, e a aparição de Magal foi responsável não só pela afirmação desse gênero como funcionou ainda como um índice de sua multiplicidade.



Afinal, Magal era o que chamavam na época, não sem certo desdém, de “ídolo popular”, e até mesmo “cantor brega”; na verdade, vendo hoje, talvez tenha sido esse um terreno fértil e uma forma de criar essa espécie de espaço aberto na cultura onde, de forma pouco erudita, se foi possível fabular artistas – e artistas que fabulassem – de forma popular, desde que fossem bons de mercado, e sem que se investisse em jogo ali, digamos assim, aqueles valores artísticos que se imaginavam ser os mais “evoluídos” dentro dessa narrativa lírica da música brasileira. O que fez desse lugar um território livre, propício a invenções, alegorias, fantasias, linhas de fuga que investiram fundo no gosto das massas, sem recalque, na dança e na indumentária como linguagens, e, por que não, na invenção de personagens e de mundos narrativos de cunho profundamente popular no Brasil. Essa talvez tenha sido uma das mais importantes experiências que os anos 1970 nos legaram, e Magal talvez tenha sido uma das mais bem-sucedidas delas uma vez que habita ainda hoje o imaginário musical nacional.

“1978 foi o ano em que Magal se afirmava no mercado com o lançamento de seu segundo álbum que trazia a canção Sandra Rosa Madalena. Era quando, ao falar desse amor pela cigana Sandra Rosa, assumia de vez a imagem do cigano que carrega até hoje..”



Se olharmos ao redor dele, veremos que o gênero que o abriga talvez tenha sido, ousaria dizer, uma das fórmulas mais múltiplas da cultura na época. Se por um lado, é certo, esses “ídolos bregas” foram grandes movimentadores do mercado fonográfico brasileiro (um dos maiores do mundo então), o foram por falar de um lado uma língua fonográfica no que diz respeito às instrumentações e arranjos, etc., mas por outro por guardar sotaques locais, tais como alguns traços do cantor rural, alguns traços da música negra, da tradição boierística, e, por que não, da imaginação brasileira em torno de temas como ciganos e “amantes latinos”.

1978 foi o ano em que Magal se afirmava no mercado com o lançamento de seu segundo álbum que trazia a canção *Sandra Rosa Madalena*. Era quando, ao falar desse amor pela cigana Sandra Rosa, assumia de vez a imagem do cigano que carrega até hoje.

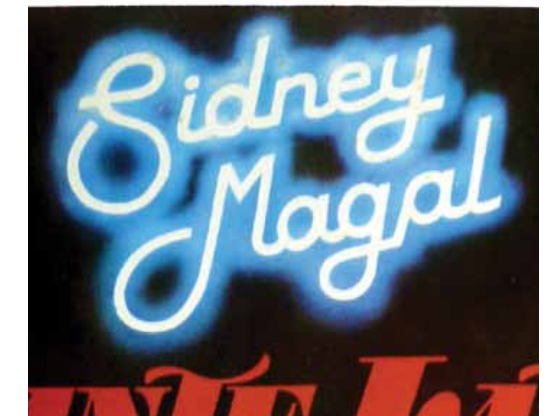
E essa sua imagem foi extremamente eficaz no imaginário popular, e não sei se é o caso se nos perguntarmos aqui o porquê. É certo que existe um forte traço da cultura cigana misturado à cultura ibérica, e essa imagem passional, da inadaptação, do nômade inquieto, essa figura um pouco misteriosa ligada à ideia de destino talvez calem fundo na alma da nossa gente.

Afinal, como o povo amou aquele cigano de roupas extravagantes, calças justas, golas bufantes, suas canções e seu rebolado latino! Enfim, se nos lembrarmos daquele personagem de Raduan Nassar que certa feita praguejava: “o povo fala e pensa com o corpo”, poderíamos nos lembrar do nosso cigano brasileiro também como um habilidoso artífice dessa inteligência concreta das múltiplas línguas que o corpo e suas indumentárias falam e são entendidas por aqui. Se nos lembrarmos de sua duradora popularidade, poderíamos imaginar que talvez tenha sido essa mesma língua um resguardo simbólico que de alguma forma manteve as camadas populares e seus ídolos ao largo e livre de tantas “linhas evolutivas” e outras formas de poder narrativo que dominam o mundo político da cultura no Brasil.

Nesse sentido há uma espécie de lembrança de Ney Matogrosso quando se fala de Magal, uma vizinhança irônica, mas também uma semelhança. “Meu coração é de cigano / Mas o que salva é a minha insensatez”, cantava Ney por volta de 1976, ano do nascimento fonográfico de Magal. Afinal, Ney é outro habilidoso artífice do corpo e autor de uma quase lendária personagem musical que invadiu o Brasil com a Secos e Molhados. Ele talvez tenha sido o grande marco popular da performance física e dessa fabulação de personagens em meio a música de mercado no Brasil que tratamos aqui. E assim como Ney, Magal teve que lidar com um certo entrave brasileiro com o tema uma vez que eram homens que dançavam. Ainda segundo Paulo Coelho, Magal o fez até de forma estratégica uma vez que, se por um lado fazia a imagem do conquistador de mulheres, os homens não sentiam ciúmes dele por não

se sentirem ameaçados pela sua masculinidade ambígua. Avalia-se que isso o ajudou inclusive nas vendas.

Muita gente não sabe e há até quem duvide, mas o então futuro escritor Paulo Coelho estava por trás de grande parte dessa fabulação inicial em torno de Magal. Além de autor da proposta, a gravadora (citada acima) Paulo Coelho assina algumas das traduções nos álbuns de 1976, 1978 e ainda o roteiro do filme *Amante Latino* (1979), o filme de Pedro Rovai no qual Magal era o ator principal e que versava naturalmente sobre o personagem em questão. Além da célebre, profícua e conturbada parceria musical com Raul Seixas e algumas canções pontuais com Rita Lee, existem algumas composições imersas no repertório popular brasileiro, tais como *Menina do Subúrbio* (“ouve música estrangeira / sentada na janela, / não entende uma palavra / mas pensa que é pra ela”), cantada por Fernando Mendes, ou *Meu primeiro amor* (“pra me beijar precisava / ficar na ponta dos pés / eu tinha então oito anos / mas te menti que eram dez”), por José Augusto, que são parcerias com Paulo Coelho. É responsável ainda por algumas traduções de sucesso internacionais para o português, uma prática muito recorrente na época, e *Sou Rebelde* (*Soy Rebelde*), gravada por Lilian, talvez seja a mais emblemática delas. Todas essas canções servem como índice enfim dessa espécie de faro popular daquele então militante do movimento hippie .



Magal sempre tratou com certa reserva essa espécie de crédito dado ao então executivo da gravadora Paulo Coelho pela invenção dessa sua persona, e, sendo assim, acredito que seria mais justo chamá-la mais uma vez de uma parceria de Paulo Coelho com Sidney; afinal, o segundo é certamente o principal artífice dessa sua imagem popular. Chacrinha teria sido de fato quem o abraçou em seu Cassino de forma definitiva, se tornando inclusive um dos grandes propagadores daquilo que ele entendia ser o mote de Magal: o carisma e uma atração enorme. Principalmente com as mulheres. E, em se tratando de faro popular, talvez Abelardo Barbosa não tenha nenhum concorrente; afinal, se alguém entendia detalhadamente desse gosto nestes vários anos de TV, esse alguém foi Chacrinha.

Ainda em 1979, Rita Lee fez um relato sobre aquilo que chamou de “a festa” da música popular àquela altura. Entoando o seu refrão “ai, meu Deus, o que foi que aconteceu com a música popular brasileira?”, desenhava um quadro irônico sobre o estado em que a cena musical se encontrava naquela época. Magal, claro, é um dos personagens referências da música. Além de ser citado nominalmente na letra, é citado musicalmente quando ao final da canção Rita Lee faz uma espécie de imitação exagerada do já exagerado Magal, cantando *O meu sangue ferve por você*. O mais irônico talvez seja que, sendo essas uma das parcerias de Rita com o Paulo Coelho, é ele quem parece escancarar o jogo em alguns poucos versos:



*O Sidney Magal rebola mais
Que o Matogrosso
Cigano de araque
Fabricado até o pescoço*

E mais, a letra retorna coincidentemente ao início do nosso texto, deixando Magal, mais uma vez, lado a lado, mas em contraste com Buarque; no entanto, aqui a cena é diferente uma vez que logo em seguida nos versos da música o compositor carioca ressurgiu à beira da piscina, pensando sobre ele, no entanto, o papel caricato de um músico um pouco elitista:

*E o Chico na piscina
Grita logo pro garçom
Afasto esse cálice e
Me traz Moët Chandon.*

Portanto, fica a Magal o legado de ídolo popular no Brasil. Assim como tantos outros que surgiram naqueles anos e que tristemente desapareceram, Magal teve a proeza de permanecer sendo lembrado, vivo na cena, ainda que sendo um contraste. E, se por um lado carregou esse fardo de ter sido “fabricado até o pescoço”, por outro lado trazia um pouco a beleza da fantasia em torno de si mesmo, certo ar liberado que a cultura popular permite em torno de fabulações e personas inventadas que não deixam de ser menos reais por isso. Magal, como um bom filho do mês de junho, talvez traga aí o seu valor artístico.

AMANTE LATINO

Pedro Carlos Rovai, RJ, 1979, 103'

O filme conta as aventuras do cantor Sidney Magal para salvar o colégio onde estudou na infância e que é hipotecado a uma industrial que pretende destruir a maior área verde existente no Rio de Janeiro para transformá-la num imenso complexo de Indústria de Plásticos.

No mesmo local existe um grupo de ciganos que lá residem há muito tempo. Sidney Magal é descendente desse grupo de ciganos, por quem ele fará tudo para garantir-lhes a sobrevivência.



LIVRE

Agradecimentos Especiais:

Sidney Magal, Magali West e toda a equipe do Sidney Magal, Pedro Carlos Rovai, Sincrocine / Tietê Produções Cinematográficas, Marcela Baptista, Cinemateca do MAM, Hernani Heffner, Gabriela Garzon e Guto Borges.

LOCAIS

DE EXIBIÇÃO E ENCONTRO

BELO HORIZONTE

[Exibições]

Cine Humberto Mauro, Palácio das Artes
Av. Afonso Pena, nº 1537, Centro

[Encontro]

Cine Theatro Brasil Vallourec
Rua dos Carijós, 258 - Centro

MONTES CLAROS

Cinema Comentado
Sala Geraldo Freire
Prédio da Prefeitura ao lado da Câmara Municipal
Avenida João Luiz de Almeida, S/N

ARAQUAÍ

Centro Cultural Luz da Lua
Rua Dom Serafim, nº 426, Centro

FICHA TÉCNICA

REALIZAÇÃO

Mascote

CORREALIZAÇÃO

DOC Audiovisual

IDEALIZAÇÃO

Associação Curta Minas/ABD-MG

COORDENAÇÃO

Coordenação Executiva

Cláudio Constantino

Coordenação de Programação

Daniela Fernandes

CURADORIA

Afonso Uchoa

PRODUÇÃO

Equipe Curta Circuito

Produtores Locais

Elpidio Rocha (Montes Claros),
José Pereira (Araçuaí).

Projeção Digital

Frames

Vinheta Alex Queiroz

COMUNICAÇÃO

Imprensa e Redes Sociais

Le Petit - Comunicação

Visual e Editorial

Design Naraiana Peret

Fotografia

VAL+WANDER Fotografias

Cenografia Obj Design e G95

LIVRETO/PUBLICAÇÃO

Coordenação Editorial

Daniela Fernandes

Design Naraiana Peret

Colaborador Laly Cataguases

Artigos Luís Alberto Rocha Melo

e Guto Borges.



Patrocínio



Realizado com os benefícios da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte



Correalização



Apoio Institucional



Apoio



Produção Local



Parceiros Institucionais



Realização

MASCOTE

Realização

MASCOTE

📍 *Vitório Marçola, 203, sala 10. BH/MG, Brasil.* ☎ *55 31 3284 9089*

✉ *producaocurtacircuito@gmail.com - www.curtacircuito.com.br*